Trump e Netanyahu: dois loucos brincando de Deus[1]

Jeffrey D. Sachs

> *Quando líderes desequilibrados invocam uma catástrofe divina como instrumento político, não são apenas seus inimigos que são consumidos. Se eles não forem detidos, todos nós seremos vítimas desses dois psicopatas.*

Eis a mensagem de Páscoa de Donald Trump para o mundo:

> *Terça-feira será o Dia da Usina, e o Dia da Ponte, tudo ao mesmo tempo, no Irã. Não haverá nada igual!!! Abram a porra do Estreito, seus malucos desgraçados, ou vocês vão viver no inferno — É SÓ ESPERAR! Louvado seja Alá. Presidente DONALD J. TRUMP*

Donald Trump e seu parceiro em crimes de guerra, Benjamin Netanyahu, estão travando juntos uma guerra de agressão sanguinária contra o Irã, uma nação de 90 milhões de pessoas. Eles estão dominados por três patologias interligadas. A primeira é de personalidade: ambos são narcisistas malignos. A segunda é a arrogância do poder: homens que possuem a capacidade de comandar a aniquilação nuclear e, por isso, não sentem qualquer restrição. A terceira — e a mais perigosa de todas — é a ilusão religiosa: dois homens que acreditam, e são diariamente levados a acreditar por aqueles ao seu redor, que são messias encarregados de cumprir a vontade de Deus. Cada uma dessas patologias intensifica as outras, de modo que, juntas, colocam o mundo em um nível de perigo sem precedentes.

O resultado é uma glorificação da violência que não se via desde a era dos líderes nazistas. A questão é se os poucos adultos responsáveis do mundo — líderes nacionais comprometidos com o direito internacional e dispostos a afirmá-lo — conseguirão contê-los. Não será fácil, mas é imperativo tentar.

Comecemos pelo transtorno psicológico subjacente. Narcisismo maligno é um termo clínico, não um insulto. O psicólogo social Erich Fromm cunhou a expressão em 1964 para descrever Adolf Hitler, como a fusão de grandiosidade patológica, psicopatia, paranoia e personalidade antissocial em uma única estrutura de caráter. O narcisista maligno não é apenas vaidoso. Ele é estruturalmente incapaz de empatia genuína, constitucionalmente imune à culpa e movido por uma convicção paranoica de que está cercado de inimigos que precisam ser

[1] Publicado originalmente em Common Dreams, em 6 de abril de 2026. Acesso: https://www.commondreams.org/opinion/netanyahu-trump-psychopaths-war-criminals Tradução: Carolina Leocadio.

destruídos. Já em 2017, o psicólogo John Garnter e muitos outros profissionais alertavam para o narcisismo maligno de Trump.

Diversos psicólogos e psiquiatras respeitados avaliaram Trump quanto à psicopatia utilizando a Escala de Hare padronizada e chegaram a pontuações bem acima do limite diagnóstico. Veja, por exemplo, aqui. A psicopatia é mais bem caracterizada como a ausência de consciência moral ou de compaixão pelos outros seres humanos.

Tanto Trump quanto Netanyahu se encaixam nesse perfil com precisão. A psicopatia de Trump ficou evidente quando forças dos EUA destruíram em Teerã uma ponte civil sem qualquer relevância militar, matando pelo menos oito civis e ferindo mais de 95 pessoas. Trump não lamentou. Ele se vangloriou e prometeu mais destruição. O discurso de Netanyahu na Páscoa judaica também não trouxe uma única palavra pelos mortos. Nenhuma pausa. Nenhuma sombra de dúvida. Apenas um catálogo triunfante dos inimigos que ele destruiu.

A paranoia alimenta a ameaça que Trump e Netanyahu fabricaram. A própria diretora de Inteligência Nacional de Trump, Tulsi Gabbard, declarou por escrito que o programa nuclear do Irã havia sido "obliterado" e que a comunidade de inteligência "continua avaliando que o Irã não está construindo uma arma nuclear". A AIEA afirmou de forma categórica que não havia evidências de uma bomba. Um funcionário do próprio setor de contraterrorismo de Trump renunciou em protesto, escrevendo que "iniciamos esta guerra devido à pressão de Israel e de seu poderoso lobby americano". O paranoico não precisa de uma ameaça real. Ele a inventa, se necessário, para corresponder aos seus próprios sentimentos de medo exagerado.

O maquiavelismo opera sem qualquer vergonha. Trump disse ao mundo que a diplomacia sempre foi sua "primeira preferência", ao mesmo tempo que se gabava de ter destruído o acordo nuclear com o Irã: "Foi uma honra fazê-lo. Fiquei muito orgulhoso de fazê-lo." Ele destruiu com as próprias mãos a estrutura diplomática e depois culpou o Irã pelos escombros. Em seguida, admitiu, de forma casual, que a guerra não tem justificativa de autodefesa: "Não precisamos estar lá. Não precisamos do petróleo deles. Não precisamos de nada do que eles têm. Mas estamos lá para ajudar nossos aliados." Pela Carta da ONU, a autodefesa é a única base legal para o uso da força. Trump confessou que tal base não existe.

Há uma deformação particular que o poder exerce sobre certas personalidades, especialmente quando esse poder é ilimitado — ou parece ser. Com o comando de arsenais nucleares, Trump e Netanyahu não percebem o mundo como os demais. A disponibilidade de armas nucleares, para esses narcisistas malignos, não é um fardo de responsabilidade, mas uma extensão de seus egos grandiosos: posso fazer qualquer coisa. Posso destruir qualquer coisa. Observem. Não haverá autocontenção por parte de Netanyahu e Trump diante dessa grandiosidade delirante.

Trump internalizou plenamente essa sensação de impunidade. Em 1º de abril, diante das câmeras, prometeu bombardear o Irã "de volta à Idade da Pedra, onde eles pertencem". A expressão "onde eles pertencem" é o veredito de alguém que se sente autorizado divinamente a julgar o valor de 90 milhões de pessoas e a desumanizá-las sem hesitação. Ele ameaçou repetidamente destruir a infraestrutura elétrica civil do Irã — um crime de guerra segundo as leis do conflito armado —, anunciando isso abertamente como posição de negociação para uma audiência global que, em sua maioria, simplesmente mudou de canal.

Netanyahu comanda um Estado com cerca de 200 ogivas nucleares, nunca assinou o Tratado de Não Proliferação e não está submetido a nenhum regime internacional de inspeção.

Ele observa Trump usar o poder militar americano com agressividade sem limites e conclui que não há consequências. A segunda loucura alimenta a terceira: quando o poder não encontra limites, o único freio interno restante é a consciência. E o psicopata não tem consciência.

A ausência de consciência é a patologia mais perigosa das três, porque elimina o último possível freio interno. O estrategista que trava uma guerra injusta pode, eventualmente, concluir que os custos superam os ganhos e recuar. O narcisista maligno que faz guerra por ego pode, em algum momento, satisfazer as demandas de seu próprio ego e parar. O psicopata tende a escalar o conflito indefinidamente, porque não há limites.

E, acredite, fica ainda pior. Tanto Trump quanto Netanyahu se veem como messias. São agentes de Deus autoproclamados. Para eles, interromper a guerra contra o Irã significaria que Deus estava errado. E o messias autoproclamado não pode estar errado, porque, na psique grandiosa, messias e Deus se tornam, na prática, indistinguíveis.

Ambos afirmaram explicitamente essa identidade messiânica. Trump já se chamou de "o escolhido". Sobre a tentativa de assassinato contra ele em 2024, declarou: "Senti naquele momento e acredito ainda mais agora que minha vida foi poupada por um motivo. Fui salvo por Deus para tornar a América grande novamente." Netanyahu, em seu discurso na véspera da Páscoa judaica, não apenas invocou Deus. Ele se apropriou do papel divino na narrativa do Êxodo — enumerando dez "realizações" do que chama de "Guerra da Redenção" e nomeando cada uma como uma praga. O assassinato do aiatolá Khamenei foi chamado por ele de "Praga dos Primogênitos". Em seguida, advertiu o mundo:

"Após as dez pragas do Egito, lembro que o faraó ainda tentou prejudicar o povo de Israel, e todos sabemos como isso terminou."

No Livro do Êxodo, esse desfecho é o afogamento de todo o exército do faraó. Netanyahu estava ameaçando a aniquilação do Irã, na televisão, ao recorrer à linguagem das escrituras sagradas.

Ao redor de cada um desses homens há uma corte de bajuladores e fanáticos cuja função é sustentar a ilusão e impedir que a realidade penetre em suas consciências.

A Corte de Trump: Hegseth, Huckabee e os nacionalistas cristãos

Pete Hegseth, secretário de Defesa, transformou o Pentágono em um verdadeiro teatro de guerra santa. Ele ostenta uma tatuagem da Cruz de Jerusalém no peito e as palavras "Deus Vult" ("Deus o quer"), o grito de guerra das Cruzadas medievais, no braço. Ele realiza cultos cristãos mensais no auditório do Pentágono. Chegou a pedir ao povo americano que orasse "todos os dias, de joelhos" pela vitória militar no Oriente Médio "em nome de Jesus Cristo". Em um desses cultos, rezou em voz alta para que as tropas dos EUA infligissem:

"Violência avassaladora contra aqueles que não merecem misericórdia… Pedimos essas coisas com ousada confiança no poderoso nome de Jesus Cristo."

Em uma coletiva de imprensa sobre a guerra com o Irã, Hegseth afirmou que os Estados Unidos "negociam com bombas". Descreveu os líderes iranianos como "fanáticos religiosos" em busca de capacidade nuclear para "algum Armagedom religioso", ao mesmo tempo em que presidia cultos mensais no Pentágono e declarava que "a providência de nosso Deus todo-poderoso está lá protegendo aquelas tropas". Ele parece não ter consciência do espelho que está

erguendo. Um secretário de Defesa que ora por "violência avassaladora" em nome de Jesus, enquanto chama seus inimigos de fanáticos religiosos, ilustra perfeitamente o mecanismo de projeção.

Mike Huckabee, embaixador dos EUA em Israel, fornece a arquitetura teológica. Pastor batista e fervoroso sionista cristão, Huckabee acredita que o conflito entre Israel e Irã é o cumprimento de uma profecia bíblica — um passo necessário rumo ao Arrebatamento e à segunda vinda de Cristo. Ele enviou a Trump uma mensagem — que o próprio Trump depois publicou nas redes sociais — comparando o momento a Truman em 1945 e ao lançamento das bombas atômicas sobre o Japão, instando Trump a ouvir "a voz DELE", isto é, a de Deus.

Em uma entrevista, Huckabee foi questionado sobre a promessa bíblica de terras que se estende do Nilo ao Eufrates — abrangendo Líbano, Síria, Jordânia e partes da Arábia Saudita e do Iraque — e se Israel teria direito divino a todo esse território. Sua resposta foi direta: "Não haveria problema se tomassem tudo."

O ministro das Finanças de extrema direita de Israel, Smotrich, por sua vez, publicou nas redes sociais: "Eu ♥ Huckabee." O pastor sionista cristão John Hagee, cuja organização Christians United for Israel tem sido uma importante força por trás do apoio evangélico americano às guerras de Israel, referindo-se à guerra com o Irã, disse simplesmente: "Do ponto de vista profético, estamos exatamente no momento certo." Franklin Graham, em um culto de oração de Páscoa na Casa Branca, alimentou as ilusões messiânicas de Trump: "Hoje os iranianos, o regime perverso deste governo, querem matar todos os judeus e destruí-los com fogo atômico. Mas Tu levantaste o presidente Trump. Tu o levantaste para um momento como este. E, Pai, pedimos que lhe concedas a vitória."

A corte de Netanyahu: Ben-Gvir, Smotrich e os colonos messiânicos

Do lado israelense, o círculo interno é composto por duas figuras cujo radicalismo é tão extremo que eram consideradas párias políticos até Netanyahu usar seus votos para se manter no poder. Itamar Ben-Gvir, ministro da Segurança Nacional, é admirador do falecido rabino Meir Kahane, cujo partido, Kach, foi classificado como organização terrorista. Bezalel Smotrich, ministro das Finanças, baseia sua ideologia no rabino Zvi Yehuda Kook, que ensinava que a vitória militar de Israel em 1967 foi determinada por Deus e que a colonização dos territórios palestinos é a vontade divina. Juntos, eles detêm 20 cadeiras na coalizão de 67 assentos de Netanyahu. Não apenas aconselham o primeiro-ministro, mas compartilham suas crenças e sua visão messiânica.

Ben-Gvir usou seu controle sobre a polícia israelense para permitir a atuação de paramilitares de colonos contra palestinos na Cisjordânia. Ele tem bloqueado sistematicamente negociações de cessar-fogo e chegou a reivindicar publicamente o mérito por atrasá-las. Defendeu a ampliação de direitos rituais judaicos no Monte do Templo, em desafio a um status quo mantido por décadas — uma medida que autoridades de segurança israelenses alertaram que levaria diretamente a derramamento de sangue. Em agosto de 2023, declarou: "O meu direito, e o direito da minha esposa e dos meus filhos, de circular pelas estradas na Judeia e Samaria é mais importante do que o direito de circulação dos árabes." Reino Unido, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Noruega, Eslovênia, Países Baixos e Espanha impuseram sanções contra ele por incitação à violência, mas os Estados Unidos, sob Marco Rubio, defenderam Ben-Gvir e criticaram essas sanções.

Smotrich é o mais metódico dos dois: menos teatral e mais perigoso. Ele transferiu sistematicamente a governança civil da Cisjordânia do exército israelense para seu próprio ministério, direcionando centenas de milhões de shekels para a infraestrutura dos assentamentos, enquanto estrangula deliberadamente os orçamentos da Autoridade Palestina. Orientou seu gabinete a formular "um plano operacional para aplicar soberania" sobre a Cisjordânia. Durante a guerra com o Irã, defendeu que Israel anexasse o sul do Líbano até o rio Litani, declarando que a guerra "precisa terminar com uma realidade completamente diferente". A ideologia de Smotrich se apoia no ensinamento de Kook de que o projeto de assentamentos não é político, mas sagrado — uma obrigação divina que deve ser cumprida independentemente do direito internacional, dos direitos dos palestinos ou da opinião do mundo. As fronteiras de 1967, nessa teologia, não são uma realidade militar temporária. São parte de uma missão divina ainda inacabada.

Nem Ben-Gvir nem Smotrich eram mais do que extremistas marginais antes de Netanyahu legitimá-los ao trazê-los para o governo e para seu círculo interno. Ele lhes deu poder sobre a sociedade israelense, e eles lhe forneceram a força religiosa-nacionalista para apresentar suas guerras como uma missão divina.

Nesse cenário de guerra santa, uma voz se destacou com graça e clareza salvadoras. O papa Leão XIV tem defendido consistentemente o fim da violência. Durante uma missa de Quinta-feira Santa em Roma, ele abordou a arrogância do poder:

"Tendemos a nos considerar poderosos quando dominamos, vitoriosos quando destruímos nossos semelhantes, grandes quando somos temidos. Deus nos deu um exemplo — não de como dominar, mas de como libertar; não de como destruir a vida, mas de como dá-la."

No Domingo de Ramos, o papa foi novamente direto, afirmando que Jesus "não escuta as orações daqueles que fazem a guerra, mas as rejeita". Hegseth respondeu realizando outro culto no Pentágono, no qual voltou a rezar por "violência avassaladora" em nome de Cristo.

O professor John Mearsheimer afirmou com precisão que os crimes agora cometidos por Trump e Netanyahu são os mesmos pelos quais a liderança nazista foi enforcada em Nuremberg: guerra de agressão, anexação de território estrangeiro, ataque deliberado a infraestrutura civil e punição coletiva. Isso não é exagero retórico. São categorias jurídicas. O Tribunal de Nuremberg chamou o crime de agressão de o "crime internacional supremo" — aquele que "contém em si o mal acumulado de todos os outros" — porque é o crime que torna todos os demais possíveis. Esses homens confessaram isso publicamente, em discursos transmitidos por emissoras internacionais.

Os mecanismos institucionais que existem justamente para evitar esse tipo de catástrofe — incluindo o Conselho de Segurança da ONU, o Tribunal Penal Internacional, o regime de não proliferação e as leis do conflito armado — estão sendo ativamente subvertidos pelos Estados Unidos.

Ainda assim, os adultos responsáveis do mundo precisam tentar conter essa loucura. O esforço multilateral em Islamabad, envolvendo os ministros das Relações Exteriores do Paquistão, Turquia, Egito e Arábia Saudita, trabalhando em conjunto com a iniciativa de paz de cinco pontos China-Paquistão, é um começo importante. Deve ser reforçado pelo peso total dos países do BRICS, da Assembleia Geral da ONU e de todos os Estados que desejam viver em um mundo regido por regras, e não pelos delírios de dois narcisistas malignos.

Quando líderes desequilibrados invocam uma catástrofe divina como instrumento político, não são apenas seus inimigos que são consumidos. Todos nós seremos vítimas das pragas de Netanyahu e do bombardeio de Trump que pretende levar o Irã de volta à Idade da Pedra, a menos que outros líderes imponham limites a esses dois loucos.